

Apagamento bissexual: a representação da bissexualidade na mídia contemporânea¹

Fabiana Marsiglia THOMAS²

Adriana Schryver KURTZ³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-Sul

Resumo

O artigo avalia a representação da bissexualidade na mídia contemporânea, a partir da análise de músicas e séries de televisão norte-americanas bem como de telenovelas brasileiras, feita por meio de uma pesquisa qualitativa. A partir da postulação do conceito de “apagamento bissexual” existente na sociedade moderna, tem por objetivo analisar como a mídia contribui para que este fenômeno aconteça, no marco teórico de uma Cultura da Mídia, de Douglas Kellner. Foi concluído que a baixa visibilidade que a comunidade bissexual tem na mídia influencia a baixa aceitação e reconhecimento da mesma na sociedade atual.

Palavras-chave: apagamento bissexual; bissexualidade; representação; cultura da mídia; bifobia.

Um terceiro tipo de sexualidade?

A bissexualidade, enquanto comportamento humano, sempre existiu. Na Grécia Antiga, já haviam registros de homens casados com mulheres que se relacionavam com outros homens. Para Mengel (2009), as relações bissexuais na Grécia Antiga tinham dois “objetivos” distintos: as relações sexuais entre homem e mulher serviam para a reprodução, e as relações entre dois homens tinham o objetivo da educação como

¹ Trabalho apresentado na IJ 06 – Interfaces Comunicacionais - do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: fabim.thomas@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: akurtz@espm.br

cidadão e de fortalecer as forças armadas. Foucault (1984) explica que os gregos não concebiam essas práticas afetivas, que hoje chamamos de bissexuais, como algo provindo de dois tipos de desejos. Para eles, o desejo vinha da atração pela beleza das pessoas, sem levar em conta o sexo biológico.

Como lembrou Marjorie Garber, em seu provocativo estudo intitulado *Bissexualidade e o Erotismo da Vida Cotidiana*:

Alexandre, O Grande tinha amantes masculinos e femininos. Júlio César também. Assim como Safo. E Sócrates. Mas será afirmado que os Gregos e os Romanos eram diferentes de nós. Eles eram pagãos. Eles viveram muitos anos atrás e sua cultura tinha valores muito diferentes. Além disso, nós dizemos, eles devem ter tido uma preferência. [...] Como vários estudiosos apontaram, homens frequentemente faziam sexo com outros homens, e mulheres com outras mulheres, sem se referirem a si mesmos como o que a gente hoje chamaria de homossexuais. Bissexualidade é um termo anacrônico, mas isso não significa que exemplos disso estão ausentes do registro literário e cultural. (GARBER, 2000, p.14)

Muitos séculos depois, no Ocidente, a *Kinsey scale* seria criada pelo Doutor Alfred Charles Kinsey, a fim de medir a balança de heterossexualidade e homossexualidade de uma pessoa. Ela leva em consideração tanto a experiência sexual, quando as reações psicofísicas. A escala varia de 0 a 6, sendo o zero completamente heterossexual e 6 completamente homossexual. Foi publicada, pela primeira vez, no livro *Sexual Behavior in the Human Male* (Kinsey, 1948). Numa passagem clássica do famoso relatório, Kinsey diria:

Homens não representam duas populações distintas, heterossexual e homossexual. O mundo não deve ser dividido em ovelhas e cabras. Nem todas as coisas são pretas, nem todas as coisas são brancas. [...]. O mais cedo que aprendemos isto em relação ao comportamento sexual humano, mais cedo devemos alcançar um entendimento das realidades do sexo (KINSEY, 1948, p. 639).

ESCALA DE KINSEY

0	Exclusivamente heterossexual
1	Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual
2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
3	Igualmente heterossexual e homossexual
4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
5	Predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual
6	Exclusivamente homossexual

Fonte: **KINSEY, Sexual Behavior in the Human Male, 1948**

Como se pode ver pela tabela acima, até a publicação da escala Kinsey, não existia um termo para se referir à atração por ambos os sexos: pessoas que gostavam tanto de homens quanto de mulheres eram denominadas “igualmente heterossexual e homossexual”. De acordo com Tucker (1995), o rótulo identitário “bissexual” foi reivindicado publicamente, pela primeira vez, no início dos anos 70, para promover a visibilidade e a aceitação de pessoas bissexuais. Para Garber (1995), muitas das discriminações contra a bissexualidade e das pressões para se encaixar em um dos lados do binário heterossexual/homossexual vêm do fato de a bissexualidade perturbar as “certezas” da heterossexualidade e homossexualidade.

De acordo com Seffner (2003), indivíduos bissexuais passam muitas vezes despercebidos, invisíveis numa representação e significação onde se faz proibido discordar de uma lógica binária e polarizada. Na nossa cultura, a representação majoritária da sexualidade se organiza a partir de dois pólos bem marcados, a hetero e a homossexualidade, e a cada pólo correspondem identidades bem definidas. Mas por que esta falta de representatividade existe?

Segundo Kellner (2001), as diversas formas de cultura veiculadas pela mídia induzem os indivíduos a identificar-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons, e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher [...]. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. [...] define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2011, p. 9).

Ainda de acordo com o autor, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e, muitas vezes, não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar, o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar, e o que não. Se a mídia não aborda a questão da bissexualidade, como vamos saber que ela existe? No decorrer dos próximos capítulos, será feita uma análise da influência dos meios de comunicação no *apagamento bissexual* existente na sociedade contemporânea. Também será abordada a erotização sofrida por pessoas bissexuais, principalmente as mulheres, que são vistas como objeto de desejo para homens heterossexuais, e como isso contribui para o estigma de que a bissexualidade não deve ser levada à sério.

O “B” de LGBT

A sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) vem sendo cada vez mais utilizada na sociedade e, acima de tudo, na mídia contemporânea. Casais lésbicos e gays fazem parte do nosso cotidiano e aparecem em músicas, séries de televisão e telenovelas. A transexualidade ainda é considerada um tema tabu, mas começou a ser debatida⁴. Mas e a bissexualidade? Denominam-se bissexuais pessoas que possuem capacidade de sentir atração física, romântica ou emocional por mais de um gênero. Para Camila Dias Cavalcanti (2010), a bissexualidade vem marcada por aspectos negativos que, de modo geral, contribuem para que permaneça submersa, quando se fala em identidade, orientações e práticas

⁴ “A Força do Querer”, novela de Glória Perez exibida pela Rede Globo entre 3 de abril e 20 de outubro de 2017, colocou em cena uma personagem trans, Ivana/Ivan, com boa aceitação do público.

sexuais não-heteronormativas. É comum, para bissexuais, ouvirem piadinhas a respeito de sua orientação e serem chamados de indecisos, promíscuos, sem caráter, homossexuais não assumidos e outros xingamentos que marginalizam ainda mais esta orientação.

Garber (2000) se pergunta se a bissexualidade é um “terceiro tipo” de sexualidade, entre ou além da homossexualidade e heterossexualidade, ou se é algo que coloca em questão o próprio conceito de identidade sexual em primeiro lugar. A autora se questiona por que, em vez de usarmos os termos hetero, homo, pan e bissexualidade, não dizemos apenas “sexualidade” e se a bissexualidade tem algo fundamental para nos ensinar sobre a natureza do erotismo humano.

Para Butler (2003), por seu caráter ambivalente, a bissexualidade é tida como a mais polêmica e controversa das orientações sexuais dentro da polaridade hetero/homossexual que consolidou o objeto de desejo sexual. A filósofa também questiona a necessidade que temos em manter a coerência entre o sexo, gênero e desejo; isto é, a cada atribuição – masculina e feminina – é esperada uma sexualidade e um objeto de desejo sexual.

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. (BUTLER, 1990, p.24).

Segundo Giddens (1992), a bissexualidade é ainda mais difícil de ser entendida porque parece ser uma mistura de homo e heterossexualidade, comprovando a teoria maior de que a orientação sexual pode se manifestar por vários caminhos e que existe mais de uma possibilidade de relacionamentos afetivo-sexuais. O estudo pioneiro de

Alfred Kinsey no final dos anos 40 e início dos anos 50 revelou que quase metade de todos os homens e aproximadamente um quarto de todas as mulheres não são exclusivamente hetero ou homossexual. A pesquisa também revelou que a atração ou comportamento sexual de uma pessoa não permanece estável, ou seja, um grande número de pessoas tem uma mistura de comportamentos heterossexuais e homossexuais durante suas vidas.

Entretanto, o “B” da sigla LGBT, muitas vezes, é esquecido. Para Kenji Yoshino (2000), este fenômeno é chamado de apagamento bissexual. Apresentando um seminário sobre Orientação Sexual e a Lei, na Universidade de Yale, o professor percebeu que os alunos, e até mesmo ele, acabavam usando, na maioria das vezes, apenas a classificação monossexual (os termos “hetero” e “homo”) quando falavam sobre orientação sexual. Ele notou que ele mesmo poderia falar sobre bissexuais em um momento, e no outro fazer uma pergunta como “tal pessoa é hetero ou gay?”, sem sentir que uma possibilidade importante fora excluída.

O que está acontecendo aqui? Por que a bissexualidade é tão invisível? Se nós interpretarmos a invisibilidade como um produto do apagamento, por que esse apagamento acontece? Por que a bissexualidade está agora se tornando suficientemente visível que comentadores começaram a teorizar a sua invisibilidade como o resultado do apagamento? [...] A real pergunta não é por que bissexuais são apagados [...] A pergunta é por que nós dividimos o mundo da orientação em categorias que tendem a suprimir a existência do desejo bissexual. (YOSHINO, 2000, p. 1)

Ainda segundo Yoshino (2000), uma pesquisa online para os termos “homossexualidade” e “bissexualidade” revela uma discrepância impressionante. No período de 01 de janeiro de 1990 a 30 de novembro de 1999, o jornal americano *The Los Angeles Times* teve 2790 documentos mencionando “homossexualidade” e apenas 121 documentos mencionando “bissexualidade”; o jornal *USA Today* teve 1768 documentos mencionando “homossexualidade” e 29 mencionando “bissexualidade” e o *Wall Street Journal* teve 396 documentos mencionando “homossexualidade” e nove mencionando “bissexualidade”. Estes números demonstram que a bissexualidade vem, de fato, sendo ignorada.

Basta um clique na ferramenta de pesquisa dos sites dos principais jornais brasileiros, para vermos que este fenômeno continua acontecendo nos dias de hoje. No dia 14 de novembro de 2017, foram encontrados 5751 registros para a palavra “homossexualidade” no site do *Estadão* e 393 para a palavra “bissexualidade”; no site da *Folha de São Paulo*, foram encontrados 4065 resultados para “homossexualidade” e 248 para “bissexualidade”; no site do *Correio Braziliense*, 1450 registros para “homossexualidade” e 117 para “bissexualidade” e, no site do *Extra*, foram encontrados 126 resultados para “homossexualidade” e apenas 16 para “bissexualidade”.

O mundo da música e a erotização da bissexualidade feminina

O fenômeno do apagamento bissexual é perceptível, também, no mundo da música. Diversas canções falam sobre homens e mulheres que sentem atração por homens e mulheres, mas são poucas as que retratam a bissexualidade como algo legítimo. Neste artigo, iremos analisar três músicas que falam sobre mulheres que estão acostumadas a se relacionar com homens, mas têm experiências com mulheres e como elas retratam a bissexualidade feminina. Em sua música *I Kissed a Girl*, lançada em 2008, a cantora norte-americana Katy Perry fala que o fato de ter beijado uma garota “não é grande coisa, é inocente”. Mas será que é tão inocente assim?

Isso nunca foi como eu planejei / Não era minha intenção / Eu fiquei tão corajosa, bebida na mão / Perdi minha discrição / Não é o que estou acostumada a fazer / Só quero te experimentar / Eu estou curiosa sobre você / Atraiu minha atenção. Assim começa a música de Katy Perry, tratando a bissexualidade como algo acidental e experimental. A cantora, ou a personagem que ela representa na canção, afirma que apenas beijou uma garota porque estava bêbada e perdeu sua discrição, deixando subentendido que uma mulher se relacionar com outra mulher é algo indiscreto.

Eu beijei uma garota e eu gostei / Do gosto do seu brilho labial de cereja / Eu beijei uma garota apenas para experimentar / Espero que meu namorado não se importe / Pareceu tão errado, pareceu tão certo / Não significa que estou apaixonada esta noite. A frase “espero que meu namorado não se importe” sugere que a

bissexualidade experimentada não é levada à sério dentro de uma escala de possíveis traições. Katy Perry é uma mulher heterossexual apenas experimentando: para ela, ser bissexual não é uma opção. *Não, eu nem ao menos sei o seu nome / Isso não importa / Você é meu jogo experimental / Apenas natureza humana / Não é o que boas garotas fazem / Não é como elas deveriam se comportar / Minha cabeça fica tão confusa / Difícil de obedecer.* Ela nem se importa em saber o nome da mulher que ela está beijando, é tudo apenas um jogo.

A música *Not Myself Tonight*, da também cantora norte-americana Christina Aguilera foi lançada dois anos depois de *I Kissed a Girl*, em 2010. A temática da canção é parecida: Aguilera representa uma mulher fazendo coisas que ela normalmente não faz, e isso inclui beijar outras mulheres. *Eu estou fora de personagem / Eu estou numa forma rara / E se você realmente me conhecesse você saberia que não é a norma / Porque eu estou fazendo coisas que eu normalmente não faço.* Assim como Katy Perry, Christina Aguilera menciona a bebida como possível motivo para fazer o que está fazendo. *Eu estou dançando muito, tomando doses e me sentindo ótima / Eu estou beijando todos os garotos e garotas / Alguém chame um médico porque eu fiquei louca.* A cantora diz que está beijando todos os garotos e garotas, e relaciona isso ao fato de ter “ficado louca”. No final da música, entretanto, Aguilera afirma: *De manhã, quando eu acordar / Eu voltarei a ser a garota que eu costumava ser.* Mais uma vez, tudo não passou de uma experiência.

Em 2015, a cantora norte-americana Demi Lovato lançou a canção *Cool For The Summer*. *Me diga o que você quer, o que você gosta / Está tudo bem / Eu estou um pouco curiosa, também / Me diga se está errado / Se está certo / Eu não me importo / Eu consigo guardar um segredo, você consegue?* Assim como Katy Perry, a cantora menciona o fato de estar curiosa e de não saber se o que está fazendo é certo ou errado. Durante a música, a frase “não conte para a sua mãe” é repetida diversas vezes, apresentando a bissexualidade, ou o desejo homossexual em uma mulher heterossexual, como algo errado e vergonhoso, que deve ser mantido em segredo. *Só é algo que nós queremos experimentar / Porque eu e você / Estamos de boa para o verão.*

Nas três canções apresentadas, a bissexualidade é banalizada. É algo de apenas uma noite, ou apenas um caso de verão. Segundo Garber (2000), psicanaliticamente falando, o nosso nível inconsciente é bissexual, por isso a bissexualidade tem um grande apelo. A bissexualidade representa um desejo e uma fantasia que constroem cenários eróticos, que permitem que as pessoas interpretem vários papéis de uma vez. Podemos ver essa erotização da bissexualidade no videoclipe das três músicas: todos eles apresentam mulheres seminuas, de lingerie, vestindo couro e renda.

A invisibilidade bissexual nas séries de TV americanas e nas telenovelas brasileiras

Em um mapeamento feito no livro “Bicha (nem tão má) – LGBTs em novelas”, a jornalista gaúcha Fernanda Nascimento (2015), aponta que a rede Globo produziu 62 novelas com personagens LGBTs em 43 anos, entre 1970 e 2013. Ao todo, foram 126 personagens gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis. Dentre eles, apenas 16 bissexuais.

O personagem Félix Rodriguez Khoury, interpretado por Mateus Solano, na novela *Amor à Vida*, ficou conhecido por ser uma “bicha má”. A telenovela, que foi transmitida no horário das 21h pela Rede Globo, de 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014, foi vencedora do GLAAD⁵ Media Awards (Associação Contra a Difamação de Gays e Lésbicas) na categoria Melhor Novela. O personagem, contudo, apesar de manter relações com outro homem⁶, era casado com uma mulher⁷. Félix foi considerado um homossexual durante toda a novela, em nenhum momento a possibilidade de ele ser bissexual foi questionada, contribuindo para o estereótipo apresentado no livro de Garber (2000) de que homens bissexuais são “gays enrustidos”.

Amor à Vida foi substituída por *Em Família*. A telenovela foi transmitida pela mesma emissora, também às 21h, entre 3 de fevereiro e 18 de julho de 2014, contando

⁵ A *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation* é uma ONG, organização não-governamental, estadunidense, cujo foco é o monitoramento da maneira como a mídia retrata as pessoas LGBT. Foi fundada em 1985 em Nova Iorque por Vito Russo, Jewelle Gomez e Lauren Hinds, em resposta à cobertura sensacionalista da epidemia de AIDS pela mídia. Sua sede fica em Los Angeles, na Califórnia, e sua diretora executiva atualmente é Sarah Kate Ellis, que possui o cargo desde janeiro de 2014. Os GLAAD *Media Awards* acontecem todo ano desde 1990.

⁶ O personagem Nicolas Corona (Niko), interpretado por Thiago Fragoso.

⁷ A personagem Edith Sobral Khoury, interpretada por Bárbara Paz.

com 143 capítulos. Em *Família* apresenta uma personagem assumidamente bissexual: Clara Fernandes Meirelles, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli. Em uma conversa com sua mãe, Clara admite sentir atração tanto pelo seu marido⁸, quanto por outra mulher⁹. Apesar de ser um avanço a emissora tratar abertamente sobre um assunto como a bissexualidade, ela acaba caindo em outro estereótipo apresentado por Garber (2000): o de que bissexuais são pessoas ambiciosas e indecisas; ou estão “em cima do muro”, ou querem mais do que podem ter. Clara diz querer ter um sem precisar perder o outro: “Não quero um só, quero os dois. E quando estou com um, sinto falta do outro. Estou dividida. Querendo os dois com o mesmo desejo”.

O mesmo acontece em séries de televisão norte-americanas. O GLAAD Annual Report, que analisa a inclusão LGBT na mídia americana, mostrou que, entre o ano de 2015 e o ano de 2016, apenas 4% dos personagens recorrentes nas séries televisivas dos Estados Unidos se identificam como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais ou travestis. Dentro desta porcentagem, 17% dos personagens são mulheres bissexuais, e somente 2% são homens bissexuais.

O seriado *Glee*, criado e produzido por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan para a emissora *Fox*, foi exibido em mais de 60 países entre 2009 e 2015, contando com seis temporadas. A série é famosa pela diversidade dos seus personagens e por combater o bullying, promovendo a aceitação. No entanto, a bifobia se demonstra presente. No episódio 14 da segunda temporada da série, o personagem Blaine Anderson, interpretado por Darren Criss, começa a questionar sua sexualidade ao se sentir atraído por Rachel¹⁰. A bissexualidade é estereotipada negativamente quando seu namorado Kurt Hummel, interpretado pelo ator Chris Colfer, também homossexual, fala que “bissexual é um termo que os garotos usam no Ensino Médio quando querem andar de mãos dadas com garotas e se sentirem como pessoas normais para variar”.

Outro indicativo é a caracterização de Brittany S. Pierce, personagem interpretada por Heather Morris, única personagem assumida como bissexual na série. Brittany é um arsenal de estereótipos bissexuais negativos. A líder de torcida do McKinley High é

⁸ O personagem Carlos Eduardo dos Santos (Cadú), interpretado por Reynaldo Gianecchini.

⁹ A personagem Marina Meirelles, interpretada por Tainá Müller.

¹⁰ Rachel Berry, interpretada por Lea Michele.

conhecida por ter dormido com quase todos os garotos do colégio, o que reforça a visão de promiscuidade e de que bissexuais “ficam com qualquer um”. Como se isso não bastasse, na quinta temporada da série, Santana¹¹, sua ex-namorada, começa a namorar Dani¹², uma garota lésbica. Santana comenta que, finalmente, tem uma namorada com quem não precisa se preocupar se vai correr atrás de um pênis. O comentário estimula a ideia de que mulheres bissexuais não são confiáveis para terem um relacionamento sério com outra mulher, porque, no fundo, preferem homens e podem traí-las a qualquer momento. Tal visão parece incitar o comportamento bifóbico da nossa sociedade, em que muitas mulheres lésbicas se recusam a se relacionar com mulher bis, invalidando seus sentimentos e, até mesmo, negando sua sexualidade.

Outro exemplo de bifobia acontece na série televisiva da *MTV Faking It*¹³, que foi ao ar entre 22 de abril de 2014 e 17 de maio de 2016. Criada por Dana Min Goodman, Julia Wolovpor e Carter Covington, a comédia romântica tem o mesmo intuito de *Glee*: celebrar a diversidade. E, assim como o seriado mencionado anteriormente, peca nos mesmos aspectos: a representação da bissexualidade. Desde o primeiro episódio de *Faking It*, a personagem Amy demonstra sentir atração por ambos homens e mulheres e, também desde o primeiro episódio, ela é pressionada a escolher um lado. Durante toda a série, Amy argumenta que não deve se sentir pressionada a se encaixar em um rótulo. Contudo, a possibilidade de ela ser bissexual nunca foi apresentada, ela sempre é forçada a decidir entre o pólo hetero-homo.

Na sua segunda temporada, *Faking It* abre uma possibilidade de quebrar estereótipos ao apresentar um personagem declaradamente bissexual, Wade¹⁴. A oportunidade é perdida com os comentários bifóbicos de Shane¹⁵, personagem gay que diz que “o rótulo bi é apenas um passo no processo de saída do armário que vai de uma

¹¹ Santana Lopez, interpretada por Naya Rivera.

¹² Interpretada pela cantora Demi Lovato.

¹³ A série apresenta duas melhores amigas, Amy Raudenfeld, interpretada por Rita Volk, e Karma Ashcroft, interpretada por Katie Stevens. As duas já tentaram de tudo para se encaixarem na escola, mas nunca realmente conseguiram. Elas ganham a popularidade que sempre desejaram quando fingem ser um casal lésbico, sendo até nomeadas rainhas do baile.

¹⁴ Interpretado por Cameron Moulène.

¹⁵ Shane Harvey, interpretado por Michael Willett.

conexão embriagada, curioso, bi, gay, Elton John¹⁶”. Shane também comenta que Wade só pensa que gosta de mulheres e que ele é como uma borboleta gay que ainda não saiu de seu casulo. “Ele está preso na lagarta 10% bi-curiosa, pego em transição”. Como se não bastasse, Shane ainda diz que a bissexualidade é como o Pé Grande, “as pessoas falam sobre isso, mas ninguém tem qualquer prova”. Os comentários preconceituosos do personagem fizeram com que o time de escritores da série publicasse, no dia 12 de outubro de 2015, uma nota no seu *Twitter* oficial, dizendo que “As visões de Shane sobre pessoas bissexuais não refletem as visões dos roteiristas da série! Personagens podem ter opiniões erradas”.

A série produzida pela *Netflix Orange Is The New Black*, também ficou conhecida por tratar de assuntos LGBT, e, assim como as outras duas séries apresentadas anteriormente, não tem uma boa representação sobre a bissexualidade. O seriado desenvolvido por Jenji Kohan, Sara Hess e Tara Herrmann está na quinta temporada e conta a história de mulheres que vivem em um presídio feminino, o Litchfield¹⁷. A personagem principal, Piper Chapman, interpretada por Taylor Schilling cai na divisão heterossexual/homossexual diversas vezes. Piper, ao longo da série inteira, diz sentir atração por ambos os sexos. Entretanto, quando ela está com Alex¹⁸, é chamada de lésbica, e quando está com Larry¹⁹, é dizem que voltou a ser hetero. Por mais que Piper Kerman, em quem a personagem é inspirada na vida real, seja uma bissexual assumida, a Piper da série é representada apenas como confusa e seu desejo por mulheres é invalidado diversas vezes. Em um dos episódios, Alex fala “regra número um: nunca se apaixone por uma garota hetero”.

Considerações Finais

No decorrer das análises, foi percebido um forte apagamento bissexual na mídia, comprovando a teoria de Kenji Yoshino. Todos os estereótipos de pessoas bissexuais

¹⁶ Sir Elton Hercules John, cantor britânico que disse ser bissexual em 1976, em entrevista à revista *Rolling Stone*, mas assumiu sua homossexualidade publicamente em 1988, casando-se com David Furnish em 21 de dezembro de 2005.

¹⁷ A série é baseada no livro *Orange Is the New Black: My Year in a Women's Prison* (2010), memória criada por Piper Kerman, sobre suas experiências na FCI Danbury, uma prisão federal de segurança mínima.

¹⁸ Alex Vause, interpretada por Laura Prepon, é a ex-namorada de Piper, com quem ela se reaproxima na prisão.

¹⁹ Larry Bloom, interpretado por Jason Biggs, é o noivo de Piper no início da série.

foram comprovados: desde o seu esquecimento, passando pela erotização e pela falta de credibilidade. No mundo da música, foi possível notar uma fetichização do desejo homossexual em mulheres heterossexuais, sem a possibilidade de a bissexualidade ser levantada. As análises mostram que diversas canções, ainda que falem sobre homens e mulheres que, de fato, sentem atração por pessoas do mesmo sexo, dificilmente retratam a bissexualidade como algo legítimo. O exemplo das três músicas que falam sobre mulheres “heterossexuais” que vivem experiências com outras mulheres é significativo quanto ao apagamento da bissexualidade feminina. *I Kissed a Girl*, de Katy Perry diz que ter beijado uma garota “não é grande coisa, é inocente”. São encontros acidentais ou experimentais, frutos de certa curiosidade, geralmente regados à bebida ou excessos e que não deverão causar nenhum estremecimento na relação “que importa”, digamos assim: a relação heteronormativa. A banalização destas aventuras eventuais é uma marca, bem como uma tendência a vê-las de forma envergonhada. Também é evidente a erotização da bissexualidade feminina, levando a crer que sua construção serve sob medida para a satisfação de um olhar masculino.

Outro dado que chama a atenção quanto à representação da sexualidade no cenário significativo das telenovelas brasileiras diz respeito aos números: de nada menos de 126 personagens gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis apenas 16 são bissexuais. Isso nos leva diretamente ao ponto de que a polarização entre hetero e homossexualidade deságua no que Kenji Yoshino bem chamou de “apagamento bissexual”, plenamente comprovado no âmbito da Cultura da Mídia, termo cunhado por Douglas Kellner. E a propósito de sua teoria, as análises comprovaram que a bissexualidade é fortemente ignorada ou interpretada de maneira errada no âmbito da representação midiática, o que faz com que a sociedade não saiba que ela existe ou tenha uma visão estereotipada e negativa sobre esta opção sexual.

Também foi possível perceber que o preconceito contra bissexuais começa na própria comunidade LGBT. Programas que mais celebram a diversidade, com ótimos personagens gays e lésbicas frequentemente caem no pólo hetero-gay, esquecendo e ignorando a bissexualidade ou a tratando como um comportamento promíscuo, confuso e infiel. E assim, a mídia mais uma vez se constitui como espaço de representação e reforço da bifobia. Exemplo paradigmático desta inversão de valores (quem deveria

celebrar a diversidade acaba por reforçar preconceitos) está na série televisiva da *MTV Faking It*. O personagem gay Shane é tão crítico em relação à bissexualidade declarada de um dos personagens – Wade – que os escritores da série acabariam por publicar uma nota em seu *Twitter* oficial que dizia: “As visões de Shane sobre pessoas bissexuais não refletem as visões dos roteiristas da série! Personagens podem ter opiniões erradas”. Certamente podem, uma vez que personagens são representações de uma pretensa realidade e diversidade de seres humanos. Mas convenhamos, já não bastam “opiniões erradas” nos círculos genuinamente heteronormativos homofóbicos?

Para lembrar uma vez mais da análise de Douglas Kellner sobre a cultura da mídia, ela simplesmente fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”, definindo desta forma o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. Se a mídia, mesmo em seus momentos mais claramente (ou pretensamente) comprometidos com o discurso da diversidade e da tolerância, não consegue se distanciar da dicotomia hetero-homossexualidade, restaria perguntar quão longe a sociedade vai vivenciar/legitimar o que Kenji Yoshino denominou de “apagamento bissexual”.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Londres: Editora Routledge, 1990.

CAVALCANTI, Camila Dias. **Práticas bissexuais: uma nova identidade ou uma nova diferença?** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade**. França: Editoria Gallimard, 1984.

GARBER, Marjorie. **Bissexualidade e o Erotismo da Vida Cotidiana**. Londres: Editora Routledge, 2000.

GARBER, Marjorie. **Vice Versa: Bissexualidade e o Erotismo da Vida Cotidiana**. Nova York: Editora Simon & Schuster, 1995.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Cambridge: Polity Press, 1992.

GLADD Annual Report on LGBTQ Inclusion. Estados Unidos, 2015-2016.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Londres: Editora Routledge, 2001.

KINSEY, Alfred Charles. **Sexual Behavior in the Human Male**. Filadélfia: Editora Saunders, 1948.

MENGEL, Karl. **Pour et contre la bisexualité**. Paris: Editora La Musardine, 2009.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má: LGBTs em telenovelas**. Porto Alegre: Editora Multifoco – Filial Sul, 2015

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

TUCKER, Naomi. **Bisexual Politics: Theories, Queries & Visions**. Binghamton: Editora Haworth Press, Inc., 1995.

YOSHINO, Kenji. **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Califórnia: Stanford Law School, 2000.